

Na mão direita tem uma roseira: oralidade, escrita e leitura de poemas entre alunos de Ensino Fundamental

Gláucia Regina Raposo de Souza
UFRGS

Oralidade, escrita e resgate do poema em sala de aula

“Na mão direita tem uma roseira: oralidade, escrita e leitura de poemas entre alunos de Ensino Fundamental” é uma pesquisa desenvolvida no Núcleo de Estudos em Literatura Infanto-Juvenil Latino-americana, situado no CAP UFRGS, dentro da linha de pesquisa Literatura e Escola. Essa pesquisa vem a ser uma ampliação do estudo feito na Tese de Doutorado intitulada *Uma viagem através da poesia: vivências em sala de aula* (SOUZA, 2007), defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, sob orientação da Professora Doutora Vera Teixeira de Aguiar.

Através de uma oficina, intitulada “Brinquedos invisíveis”, com duração de aproximadamente dez encontros, treze alunos do Projeto Amora, do Colégio de Aplicação da UFRGS, cujos textos escritos sofrem influência da oralidade, desenvolvem atividades em que a vivência corporal-oral dos poemas de folclore puro (cantigas, parlendas e adivinhas) e/ou de inspiração folclórica podem auxiliá-los no processo de leitura de poemas autorais. O projeto prevê, numa próxima etapa, a utilização das novas tecnologias como forma de promover o resgate da voz perdida do poema em sala de aula.

A pesquisa tem como objetivo principal determinar se a vivência corporal-oral dos poemas de folclore puro e/ou de inspiração folclórica auxilia no processo de leitura de poemas autorais por parte de alunos do Ensino Fundamental. São objetivos secundários:

- 1 Identificar os conceitos sobre o que é poema e suas partes constituintes entre alunos do Ensino Fundamental.

- 2 Caracterizar como a oralidade/corporalidade de poemas de folclore puro e/ou de inspiração folclóricas atua na recepção de poemas por parte desses alunos.

3 Evidenciar em que medida os poemas de inspiração folclórica podem servir como intermediários no processo de leitura de poemas autorais.

4 Identificar que procedimentos metodológicos podem ser utilizados para que alunos do Ensino Fundamental partam da leitura de poemas de folclore puro para poemas autorais.

Os resultados até então obtidos com a pesquisa revelam que o resgate do poema oral entre pré-adolescentes pode oportunizar a compreensão de elementos constituintes do poema, tais como ritmo, rima, verso e estrofe.

Brinquedos invisíveis: quando os versos se movem com o corpo

A partir dos estudos que fiz acerca da necessidade de resgatar o corpo e a voz para resgatar também a poesia em sala de aula (SOUZA, 2007), planejei a oficina Brinquedos Invisíveis, que está sendo desenvolvida com treze pré-adolescentes de onze a treze anos, das diferentes turmas do Projeto Amora, do Colégio de Aplicação da UFRGS. Cada um dos encontros estrutura-se em três etapas: percepção, discussão e criação.

No momento da percepção, são propostas atividades que despertem os alunos sensorialmente para a leitura/audição de poemas, em seus aspectos fônicos, semânticas, sintáticos e pragmáticos. Inicialmente, as atividades de tal momento circunscrevem-se ao corpo dos participantes: atividades de representação mímica, de audição de músicas, de experimentação de sonoridades de palavras e de instrumentos, de representação das coreografias de cantigas de roda, até à leitura à produção de poemas escritos.

O despertar da percepção sensorial é essencial não só para a internalização do poema, mas também para a sua criação/recriação. Georges Jean, ao se referir ao livro de André Spire, *Plaisir poétique et plaisir musculaire*, relata:

Spire afirma também que o poeta “deve resignar-se a conhecer as leis da eufonia e da rítmica actuais. Tem de conhecer a sua prática, não apenas através da sua visão e a da sua audição, mas também no seu corpo e na sua boca. O escritor que compõe não é apenas alguém com uma caneta ou um ouvinte enganado pela sua voz, pois a que escuta dentro de si, mascarada por todas as espécies de ressonâncias, não é reconhecida pelos que a ouvirão, aqueles a quem deseja falar. Ele é que deve ser um alguém que fala, em voz alta e em voz baixa. Deve moer e remoer as suas palavras enquanto compõe e, ainda que pouco exercitado a prestar atenção ao jogo do

ritmo normal e dos andamentos do ritmo emocional nos seus órgãos, sentirá os mais delicados batimentos no seu corpo e na sua boca (JEAN, 1989, p. 78).

Dessa forma, aquele que ouve/lê textos em versos torna-se autor através de sua própria performance/leitura, ao sentir em seu próprio corpo o poema. Do mesmo modo, aquele que cria reinterpreta percepções tanto suas como de outrem ao “inventar” poeticamente. Diz-nos Fernando Pessoa em seu poema “Autopsicografia”, do ano de 1931: “O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente” (PESSOA, 1986: 98). E complementa em “Isto”: “Dizem que finjo ou minto/ Tudo que escrevo. Não./ Eu simplesmente sinto/ Com a imaginação./ Não uso o coração” (PESSOA, 1986: 99).

Assim, na oficina Brinquedos Invisíveis, os momentos de percepção buscam despertar os vínculos entre poema e os sentidos humanos. A partir do conceito de situação trampolim, de Jolibert (1995) são propostas atividades que possam pôr a trabalhar o imaginário dos participantes da oficina: audição de músicas, performance de cantigas, expressões gestuais, vocalização de poemas etc. Gradativamente, essas situações-trampolim vão-se encaminhando para motivações escritas, tais como a leitura de poemas.

Já no momento da discussão, não busco exercícios de interpretação dos poemas ouvidos/lidos, na medida em que tenho como inspiração de modelo de oficina os T.A.I. (Talleres de Trampolín Afectivo e Imaginário), descritos por Jolibert e equipe (1995), cuja finalidade é o despertar do imaginário do grupo, o suscitar de emoções e o provocar imagens. Em virtude disso, os momentos de discussão não têm compromisso preponderantemente com um direcionamento interpretativo, mas com a livre expressão acerca do que os poemas trabalhados despertaram nos participantes. A reflexão acerca dos poemas ocorre, então, de forma oral, através da comparação entre os diferentes poemas distribuídos para os participantes. São momentos de conscientização acerca do modo pelo qual foram compostos os poemas trabalhados, sem a preocupação em aprofundar teorias da versificação, bem como da retórica.

Procuro, também, nos momentos de discussão com os alunos, despertar a atenção desses para elementos da expressão presentes nos poemas que tenham implicações no conteúdo desses. Assim, observar a estrutura

fonológica, as repetições rítmicas, o isomorfismo e a musicalidade dos poemas são importantes na medida em que tais elementos assumem, como propõe Lotman (1978), um caráter semântico.

Finalmente, a etapa intitulada criação constitui-se de momentos em que os alunos expressam suas aprendizagens, através de produção própria, quase sempre em versos.

Se essa rua fosse minha

Passo a descrever um encontro da oficina Brinquedos Invisíveis, como forma de refletir acerca da proposta de trabalho com o poema em sala de aula, a partir de atividades que contemplem as etapas percepção, discussão e criação.

O oitavo encontro da oficina teve como planejamento uma atividade com a cantiga “Se essa rua fosse minha” e do poema “Paraíso”, de José Paulo Paes. Tanto a cantiga como o poema foram retirados do livro *Poesia fora da estante*, uma antologia organizada pelas professoras Ciça Jocoby, Simone Assumpção e Vera Teixeira de Aguiar (AGUIAR, 1995: 110-111). Esse encontro foi antecedido de outro em que o grupo pôde vivenciar a experiência de um jogral de palavras com a parlenda “Hoje é domingo” e do poema “Encadeadinho”, retirados da mesma antologia. Nessa atividade, um dos alunos foi responsável por marcar o ritmo, tanto da cantiga, quanto do poema, com um pandeiro, verificando, dessa forma, que ambos possuíam versos isomórficos. Em seguida, compuseram suas próprias parlendas.

No oitavo encontro, a atividade de percepção centrou-se em cantar a cantiga “Se essa rua fosse minha”, entremeando, no canto de cada estrofe, trechos do poema de José Paulo Paes. Se, no encontro anterior, cada aluno vocalizou versos isomórficos, no oitavo, o poema de Paes apresentou aos estudantes versos de diferentes tamanhos. A intenção de intercalar o poema cantado (“Se essa rua fosse minha”) e o poema vocalizado (“Paraíso”) foi proporcionar às crianças a experiência sonora dos diferentes ritmos existentes em ambos.

No momento da discussão, foram abordados aspectos relativos ao título do poema de Paes, através da pergunta “Por que você acha que o poema se chama Paraíso?”. Em seguida, no momento da produção, foi solicitado às

crianças que escrevessem um poema que começasse com o verso “Se essa rua fosse minha”. Nenhum dos participantes da oficina escreveu seu poema em formato de prosa (sem divisão em versos). Dos poemas produzidos, apenas um apresentou uma divisão em versos aleatória, ou seja, que não tivesse uma concepção rítmica. Alguns alunos optaram por seguir uma estrutura de poema que pudesse ser cantada com a melodia de “Se essa rua fosse minha”:

Se essa rua
Se essa rua
Fosse minha
Eu mandava
Eu mandava
Ela melhorar
E um anjo
E um anjo
Vinha me
Vinha me
Ajudar a melhorar
(L., 11 anos; N., 11 anos)

Se essa rua
Se essa rua fosse minha,
Eu mandava,
Eu mandava ,
Asfaltar,
Com asfalto,
Com asfalto,
De verdade,
Só pro carro,
Só pro carro passar.
(D., 12 anos)

Tais releituras basearam-se no suporte melódico oferecido pela cantiga, o que proporcionou aos seus autores o registro escrito da cesura adequada aos versos de sua composição. A divisão escrita em versos já indicia uma compreensão das formas de representação escrita do poema. L., 11 anos, uma das autoras das recriações citadas, em questionário respondido no primeiro encontro da oficina Brinquedos Invisíveis, registrou como poema de seu

conhecimento as seguintes quadras: “Mãe sotem 3 letras e linda e sotem uma é única” e “gosto porque gosto / gosto porque sim / gosto e apoto que você gosta de mim”.

Em contrapartida, outros alunos basearam sua reescritura no poema de Paes:

CARRO BOMBA NA DIREÇÃO!

Se essa rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
porque no fim da rua existe
alguém que te quer bem.

Se esta rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
para não chover sangue
no meu jardim.

Se esta rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
para não ver um suicida na direção,
ou um carro bomba na contramão.
No fim do túnel uma luz possível de alcançar,
se você tentar é possível se não quem vai tentar?
(E., 13 anos)

O ritmo guiado pela alternância entre versos isomórficos (os que nos remetem à cantiga) e versos livres (os de autoria própria) confere ao poema de E., 13 anos, a sensação de quebra da ingenuidade que é a tônica da cantiga. Os versos “Para não chover sangue / no meu jardim”, que tem medida quase simétrica aos anteriores, ressalta o tom irônico e dolorido do poema e destaca o contraste entre utopia e mundo real.

No final do encontro, cada aluno foi convidado a participar de um sarau com os poemas criados por eles, entremeados na cantiga “Se essa rua fosse minha”.

Que caminhos pretendemos trilhar?

Num contexto escolar, em que, muitas vezes, o poema é pouco veiculado, torna-se necessário o resgate das emoções sensoriais inerentes ao ser humano, presentes no poema oral, para, em momento posterior, despertar a leitura de poesia e refletir sobre essas emoções, como forma de despertar a criação de poemas escritos, por parte de estudantes.

A partir das experiências emocionais acerca de sentimentos universais, como amor, solidão, alegria, tristeza, vida, morte, utopias, vivenciadas corporalmente através dos poemas orais (cantigas, parlendas, adivinhas etc.), cada leitor-estudante pode, por meio da poesia, ampliar sua visão sobre si mesmo, através da inserção no universo das utopias coletivas, das necessidades sociais, bem como das aspirações do ser humano.

No processo de leitura e de produção de poemas, é preciso, antes, partir de e acerca de si mesmo, de vivências próprias e próximas, corporais, para, só assim, reconhecer-se enquanto leitor/criador, a partir do outro. Isso só é possível através de vivências corporais proporcionadas pelo texto ouvido (e posteriormente lido) e do resgate dessas vivências. Os poemas, enquanto textos que trazem marcas sonoras e imagéticas em seus significantes, provocam no leitor o resgate dessas emoções sensoriais.

A partir desse gradual descentramento vivido pelo leitor de poemas, podem-se experimentar diferentes e novas visões de mundo.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de, ASSUMPÇÃO, Simone, JACOBY, Ciça. *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Projeto, 1995.

JEAN, Georges. *Na escola da poesia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1989.

JOLIBERT, Josette; SRAIKI, Christine; HERBEAUX, Liliane. *Formar niños lectores y productores de poemas*. Santiago de Chile: Dolmen, 1995.

LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

SOUZA, Gláucia Regina Raposo de. *Uma viagem através da poesia: vivências em sala de aula*. Porto Alegre, 2007. (Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=464).